



PINTSCHER/ DEBUSSY/ STRAVINSKY

Orquestra e Coro Gulbenkian, Renaud Capuçon (vn), Matthias Pintscher (d)

Gulbenkian, Lisboa, dia 17

Com sinfonias, óperas, concertos e variadas peças de música de câmara inspiradas pela poesia de Mallarmé e Rimbaud, o maestro e compositor alemão Matthias Pintscher (Marl, 1971) obteve o beneplácito de mestres tão antagónicos como Henze, Lachenmann, Boulez, Eötvös e Manfred Trojahn. Algumas das suas composições foram estreadas sob a direção de Abbado e de Jukka-Pekka Saraste. Na sua Westfália natal, estudou violino e dirigiu orquestras juvenis. Para a primeira parte do espetáculo esgotado, Pintscher reservou os “Nocturnos” de Debussy e a peça da sua autoria intitulada “Mar’eh”, estreada em 2011 pela violinista Julia Fischer. Concluiu o concerto com a versão de 1910 do bailado “O Pássaro de Fogo” de Stravinsky, numa interpretação que provocou a ovação entusiástica da assistência, deslumbrada com a transparência das texturas obtidas pelo aturado trabalho da orquestra, a explorar vigorosamente um material sonoro de onde brotam movimentos de dança poderosos e enérgicos, melodias orientalizantes e cantilenas do folclore russo. Nos “Nocturnos”, o tríptico sinfónico para coro feminino e orquestra em que Debussy alude às telas pintadas por J.A.M. Whistler, o maestro alemão seguiu as indicações do compositor, de forma a recriar a atmosfera luminosa dos três episódios. Diretor musical do Ensemble Intercontemporain fundado por Boulez, Pintscher só largou a batuta para dirigir com as mãos (à maneira do seu predecessor, Boulez) “Mar’eh”, a peça em formato concertante com um título que, em hebraico, significa ‘rosto’, ‘aura’ ou ainda ‘repentina visão bela’. O violinista francês Renaud Capuçon foi o solista convidado para a ocasião em que se escutou em Lisboa, pela primeira vez, esta composição de 23 minutos, uma partitura de grande complexidade para os executantes, pelos detalhes microscópicos exigidos em cada textura, exibindo-se uma orquestração de estilo eclético com uma linguagem musical e um clima sonoro libertos dos limites e dos constrangimentos de doutrinas estéticas dominantes. / ANA ROCHA